



QUIOSQUES
Controladoria da União determinou retirada de quiosques. Comerciantes do CCS foram avisados e estão desesperados

Página 3



DIVIDIDO SOBRE A HORA DE PARAR, CONGRESSO DO ANDES RECHAÇA REAJUSTE ZERO E APROVA GREVE JÁ

COM DIFERENÇA DE APENAS **20 VOTOS**, PROFESSORES DEFINIRAM QUE PARALISAÇÃO OCORRA NOS PRÓXIMOS **MESES**. OPOSIÇÃO DEFENDEU ADIAR PARA O SEGUNDO SEMESTRE E PONDEROU SOBRE A FALTA DE MOBILIZAÇÃO E SOBRE RISCOS DE UM MOVIMENTO GREVISTA ESVAZIADO. DIRETORIA DE **ADUFRJ QUER FAZER** AMPLO PROCESSO DE **CONSULTA**. CONGRESSO OCORREU EM **FORTALEZA** E CONTOU COM **632 DOCENTES**

Páginas 4 a 7



**QUERIDA PROFESSORA,
VENHA PEGAR SEU KIT, COM
CAMISETA E ADESIVO, PARA A
MANIFESTAÇÃO DO 8M.**

PÁGINA 8



CAFÉ DA MANHÃ EXPÕE DRAMÁTICA SITUAÇÃO ORÇAMENTÁRIA DA UFRJ

> Reitor Roberto Medronho convidou parlamentares da bancada fluminense no Congresso para mostrar a penúria financeira da universidade, que comparou a uma “sopa de osso”

ALEXANDRE MEDEIROS
comunica@adufjr.org.br

A reitoria convidou para um café da manhã, nesta segunda-feira (26), parlamentares da bancada fluminense no Congresso Nacional. O objetivo do encontro foi mostrar a precária situação orçamentária da UFRJ e sensibilizar os parlamentares para que se juntem à universidade em busca de soluções. O cardápio, além de pães e biscoitos, incluiu “sopa de osso”. Esta foi a expressão usada pelo reitor Roberto Medronho para definir a situação financeira da UFRJ. “É uma situação dramática. Os recursos só cobrem as despesas básicas de custeio até julho. Não estamos nem mais no osso. Talvez precisemos fazer sopa de osso. Sem uma recomposição orçamentária, não sei como chegaremos ao segundo semestre”, avaliou o reitor.



UNIÃO Gutemberg, Jandira, Medronho e Tarcísio debateram ações para recompor verbas da UFRJ

Foi um encontro importante para a UFRJ mostrar sua precária situação financeira e se articular com a bancada fluminense em busca de soluções”

RODRIGO FONSECA
Diretor da AdUFRJ

contratos. Há muita dificuldade em encontrar empresas que se habilitem ao trabalho. No fim do ano passado, apesar de haver recursos determinados pela Justiça para a execução das obras no Hospital Escola São Francisco de Assis (Hesfa), nenhuma empresa se aventurou a participar da licitação”, explicou o reitor.

ESFORÇO CONJUNTO

Os três parlamentares presentes ao encontro se comprometeram a mobilizar a bancada fluminense para obter recursos para a UFRJ. “Eu penso que nós temos duas grandes tarefas. A primeira é imediata: não quero ver essa universidade fechar. Muito menos ficar sem luz, sem água, com seus laboratórios fechando. Isso é dramático. Essa primeira tarefa é buscar no governo esse crédito suplementar imediato para fazer frente a esse déficit de R\$ 176 milhões, que precisa ser imediatamente

coberto para que a UFRJ chegue ao fim de 2024. Penso que devemos mobilizar a bancada para essa ação junto ao MEC. A segunda tarefa é pensar o orçamento para a frente, para que o orçamento de 2025 não faça a universidade passar pelo que está passando hoje, de pires na mão”, defendeu a deputada federal Jandira Feghali (PCdoB).

Na mesma linha, o deputado Tarcísio Motta (Psol) defendeu um esforço conjunto da bancada em defesa da universidade. “A UFRJ precisa de ajuda urgente. O orçamento atual só é capaz de manter a universidade aberta até meados de julho. Nosso mandato, ao lado da bancada de deputados do Rio de Janeiro, se compromete a organizar um encontro entre o MEC e a reitoria para que posamos debater o problema. Também vamos organizar uma audiência pública em Brasília sobre o tema dentro da Comissão de Educação da Câmara dos Deputados”, prometeu Tarcísio, que é professor.

Já o deputado Gutemberg Reis (MDB) lembrou que a bancada deve lutar não apenas pela solução emergencial para a UFRJ chegar aberta até o fim de 2024, mas também para levar adiante projetos importantes para o estado do Rio de Janeiro e para o país. “Essa universidade é uma referência no Brasil, é um espelho da nossa educação. Eu fico triste de ver a UFRJ nesta situação. Quero colocar meu mandato à disposição para reverter esse quadro. Lá em Duque de Caxias, meu município, a UFRJ tem um papel muito importante. Estamos lutando lá para levantar um novo prédio e implantar o curso de Medicina no campus Duque

de Caxias da UFRJ. Isso vai representar mais médicos para a Baixada Fluminense. Temos que levar este e outros projetos da UFRJ adiante”.

EMENDAS

O professor Rodrigo Fonseca, que representou a diretoria da AdUFRJ no evento, entregou aos parlamentares o Balanço Anual do Orçamento do Conhecimento, documento elaborado pelo Observatório do Conhecimento com base informações em orçamentárias sobre a UFRJ na LOA 2024. “Foi um encontro importante para a UFRJ mostrar sua precária situação financeira e se articular com a bancada fluminense em busca de soluções”, avaliou Rodrigo.

De acordo com o estudo do Observatório do Conhecimento, entre 2015 e 2022, o peso das emendas individuais e de bancada vem aumentando na composição orçamentária da UFRJ, enquanto se observa uma queda do orçamento discricionário. Esse padrão se mantém mesmo em 2023 e 2024, já no governo Lula, quando o orçamento da universidade teve recomposições.

O deputado Tarcísio Motta ressaltou um aspecto levantado pelo estudo do Observatório que trata do peso das emendas parlamentares individuais no orçamento. “É um dado preocupante, pois esse peso vem aumentando. Elas são importantes, mas não resolverão o problema. O problema é estrutural, de um orçamento que não se sustenta. Nosso desejo, como parlamentar, é atender todo mundo, mas não há recursos suficientes. Precisamos quebrar essa lógica no debate sobre orçamento”.

CONVÊNIOS

Os professores filiados à AdUFRJ contam com um setor de convênios, que firma parcerias com empresas prestadoras de serviços em diferentes áreas (veja relação abaixo). A proposta é oferecer descontos em estabelecimentos como escolas, cursos, academias, clínicas estéticas e de saúde, entre outros. Para mais informações, os interessados podem entrar em contato com Meriane, no tel: (21) 99358-2477 ou pelo e-mail: meriane@adufjr.org.br.

RIO DE JANEIRO

-  IBEU
-  CLUB PET
-  MAPLE BEAR TIJUCA
-  MIT CUIDADORES
-  ACADEMIA TIJUCA FIT
-  MADONA CLINIC
-  PSICARE PSICARE
-  FISIOTERAPIA RJ LTDA
-  CRECHE AMANHECENDO
-  CRECHE ESCOLA RECRIAR
-  CESTA CAMPONESA DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS
-  ROÇA URBANA ORGÂNICOS
-  JC LUZ CORRETORA
-  FLORA ENERGIA SUSTENTÁVEL
-  BAUKURS CENTRO DE ATIVIDADES CULTURAIS
-  MACAÉ ESCOLA ALFA
-  CLÍNICA ESTAÇÃO CORPORAL
-  HUMANA CLÍNICA MULTIDISCIPLINAR
-  MAIS FITNESS ACADEMIA
-  CORPUS CENTRO DE QUALIDADE DE VIDA
-  RIO DE JANEIRO E MACAÉ INSPIRE ENERGIA SOLAR
-  KALUNGA PAPELARIA
-  DROGARIA RAIA

Quiosques sob pressão

>CGU, TCU e Ministério Público Federal determinam fechamento de todos os quiosques da UFRJ e nova licitação dos espaços. Primeira etapa será no CCS. Quiosqueiros estão desesperados

RENAN FERNANDES
renan.fernandes@adufjr.org.br

Felipe da Rocha é o Tio dos Doces, um dos personagens icônicos do Centro de Ciências da Saúde. Ele está ali desde 2005, quando fugiu do desemprego e assumiu a gestão de um pequeno quiosque de guloseimas no Fundão. Naquele momento, Felipe não tinha a dimensão da relação de carinho que construiria com a comunidade acadêmica. Quase duas décadas depois, o Tio dos Doces acumula agradecimentos em TCCs, dissertações e teses e um punhado de convites para defesas e festas de formaturas.

“Saio de casa às cinco da manhã e compro produtos para abastecer a loja. Abro às oito e sou o último a fechar, às 21h. Não deixo ninguém na mão”, conta Felipe, pai de quatro filhos, todos sustentados pelo quiosque, única fonte de renda da família. “Sempre tivemos uma ótima relação com a universidade. Nos ofereceram cursos de gestão de empreendimentos gastronômicos, de manipulação de alimentos. Isso melhorou muito o serviço”, completa.

No começo de fevereiro, o que Felipe chama de “ótima relação” começou a ruir. Na segunda-feira, 2, todos os donos de quiosques do CCS foram convocados para uma reunião com a Decanacia na qual foram informados de que terão que fechar seus pequenos estabelecimentos.

Por ordem da Controladoria-Geral da União (CGU), do Tribunal de Contas da União (TCU) e do Ministério Público Federal (MPF), a universidade terá que substituir as ocupações precárias da unidade por contratos decorrentes de licitação. A medida começa pelo CCS, mas, em breve, alcançará todos as unidades de todos os campi.

A notícia chocou os comerciantes e já resultou em perdas de empregos. Sem garantias sobre o futuro de sua loja, Felipe dispensou a funcionária que o acompanhava há 15 anos para cortar gastos. O comerciante afirma dormir com a ajuda de remédios e ter perdido três quilos desde a reunião no começo de fevereiro.

Os permissionários foram separados em três blocos que serão licitados em etapas sucessivas. O objetivo da divisão é evitar que a comunidade acadêmica fique sem a oferta de serviços considerados fundamentais, como restaurantes e copiadoras. O edital da licitação está em desenvolvimento e a devolução do espaço dos estabelecimentos será solicitada apenas quando o



SERVIÇO ESSENCIAL Lanches, refeições, xerox, presentes. Cardápio dos quiosques é múltiplo e agrada estudantes pelo bom preço



TIO DOS DOCE Felipe da Rocha está desesperado com a notícia de que terá que sair do CCS

documento estiver pronto para ser publicado.

AUDITORIAS

As ocupações de áreas da UFRJ foram alvo de auditorias e fiscalizações externas da CGU, do TCU e do Ministério Público Federal (MPF). A situação do CCS recebeu atenção especial nos pareceres da CGU e do TCU. Em 2019, um acórdão do Tribunal recomendou a regularização da situação dos ocupantes de bens imóveis da unidade.

A PR-6, responsável na reitoria pela gestão de contratos, criou a Superintendência-Geral de Patrimônio e a Divisão de Gestão de Cessão de Uso em 2018 para atender às demandas dos órgãos de controle. Foi

instaurada uma sindicância, os ocupantes foram recadastrados e foram emitidas portarias de permissão de uso precário para formalizar a relação entre os comerciantes e a universidade. O passo seguinte, o processo de licitação, foi postergado pela pandemia e retomado a partir de 2022.

ESTUDANTES

O clima soturno entre os comerciantes após a reunião chamou a atenção da comunidade acadêmica e provocou reação imediata. Integrantes dos centros acadêmicos de cursos do CCS levaram o assunto ao decano Luiz Eurico Nasciutti.

Yuri Ramos, estudante do 11º período de Biomedicina e

representante discente do curso, mostrou preocupação com o processo de licitação. “Esses comerciantes estão integrados à comunidade, estão aqui há décadas. Eles são amigos, nos entendem e praticam preços que podemos pagar. A licitação pode trazer grupos interessados apenas no lucro”, pondera Yuri.

SUPERINTENDENTE

Robson Chaves, superintendente-geral de Patrimônio, garantiu que existe o cuidado em manter a prática de preços razoáveis. Chaves também explicou a relação existente entre os comerciantes e a universidade. “Desde que foram emitidas as portarias de permissão de uso, cada permissionário tomou ci-

ência de que a relação pode ser interrompida a qualquer tempo. Essa relação é assim devido à precariedade do instituto da permissão de uso e não porque a UFRJ gostaria que fosse”, explica o superintendente.

ANGÚSTIA

Os comerciantes reclamam do pouco tempo para se prepararem para participar do processo licitatório “Convocaram uma reunião na qual não tivemos voz, apenas fomos informados da decisão. As pessoas estão desesperadas”, lamenta Felipe. “Não queremos privilégios, desejamos apenas um tratamento com humanidade, com reconhecimento pelos serviços prestados. Não estamos preparados porque a pandemia nos adoeceu e envidou”, aponta o doceiro.

Tuylla Esperança traz no sobrenome a expectativa por um final feliz nessa história. Em 2019, a fisioterapeuta precisou deixar o trabalho para assumir o comando do quiosque Mate Mania para poupar o pai, doente. “Meu pai abriu esse quiosque em 2002. Trabalhou de segunda a sexta, em pé da manhã até a noite. Isso foi um agravante para o desenvolvimento dessa artrose. Trabalhando aqui ele também pegou Chikungunya e tem sequelas até hoje”, lamenta Esperança. “Daqui tiramos o nosso sustento. E nossos cinco funcionários também. Todos com carteira assinada. Se fecharmos hoje, só aqui serão cinco famílias sem sustento”, afirma a comerciante.

Sobre o futuro, Tuylla tem na fé a esperança de dias melhores. “É orar e confiar que Deus tem algo melhor guardado para a gente, aqui ou em outro lugar”, disse confiante.



METODOLOGIA E SVAZIA DEBATES RELEVANTES

SILVANA SÁ

ENVIADA ESPECIAL A FORTALEZA. silvana@adufrrj.org.br

Professores de todo o país se reuniram de 26 de fevereiro a 1º de março em Fortaleza (CE), para a realização do 42º Congresso do Andes. Instância máxima de deliberação do movimento docente nacional, o encontro mantém estancado uma dinâmica que abafa posições minoritárias e beneficia quem comanda o sindicato. “O processo é tão complexo que os professores têm dificuldade de participar e expor suas posições, e isso faz com que a diretoria nacional tenha mais ascendência sobre o que é aprovado nesses grupos”, explica a presidenta da AdUFRJ, professora Mayra Goulart. Exemplo dessa dinâmica aconteceu na noite de quarta-feira (28), quando o plenário foi unânime na defesa de uma greve em 2024. A divergência aconteceu apenas sobre quando a paralisação por tempo indeterminado deveria acontecer e como seria construída. A metodologia do congresso não permitiu que posições contrárias à greve fossem defendidas no plenário, uma vez que todos os grupos de trabalho aprovaram por maioria a defesa

do movimento paretista no dia anterior (veja o debate abaixo).

A segunda tônica do congresso é a tendência ao pouco pragmatismo sobre temas centrais para o movimento docente, enquanto discussões transversais sem grande repercussão para os professores ganham peso e não geram ações efetivas. “Não dá tempo de discutir tudo e o essencial fica sem o necessário debate”, aponta o professor Carlos Frederico Leão Rocha, delegado da AdUFRJ, que integra o grupo de apoio da diretoria.

O congresso acontece no Espaço de Convivência da Universidade Federal do Ceará, no campus Pici, região Oeste de Fortaleza. O espaço tem confortáveis salas de aula e de reuniões. O auditório utilizado para as plenárias, no entanto, não comportava o total de inscritos, o que levou à inusitada criação de uma sala de transmissão virtual anexa ao local das plenárias.

O encontro reuniu 632 representantes de 83 seções sindicais. Desses, 457 são delegados, 132 são observadores, 36 são diretores do Andes e sete são convidados. A AdUFRJ levou uma delegação de 19 pessoas, entre 13 delegados e seis observadores, a maioria do campo da situação. A síntese das decisões você encontra na próxima edição do Jornal.

GREVE: TEMOS CONDIÇÕES DE PARAR JÁ?

No momento em que a maioria das universidades ainda não começou o primeiro período letivo, muitos professores que acompanham o 42º Congresso do Andes foram surpreendidos com uma proposta de greve imediata. O tema foi discutido e votado na noite do dia 28 de fevereiro. Apenas 20 votos separaram os favoráveis a uma greve no primeiro semestre deste ano daqueles que defendiam a possibilidade de uma greve com organização responsável e em parceria com outros setores do funcionalismo. Pela “greve já” votaram 156 professores, enquanto 136 foram favoráveis à construção do movimento ao longo de 2024. Houve, ainda, 36 abstenções.

A delegação da AdUFRJ se dividiu entre favoráveis à construção de uma greve ao longo de 2024, a greve imediata e as abstenções sobre o tema. Céticos sobre os alcanços de uma greve neste momento, por conta da baixa mobilização dos professores em todo o país, os delegados que representam o grupo político da diretoria da AdUFRJ não puderam discutir alternativas, pois o tema havia sido aprovado por maioria em todos os grupos de trabalho, no dia anterior. A maior parte se absteve.

Pouco antes do início da plenária que discutiria o plano de lutas dos docentes federais, o presidente do Andes, Gustavo Seferian, levou para a plenária um informe parcial sobre mesa de negociação que havia terminado pouco tempo antes, em Brasília. Seferian afirmou que o governo mantinha o reajuste zero, “sem qualquer tipo de avanço” nas negociações. “É, talvez, dos mais tenebrosos informes, mas também, dos mais motivadores de nossa raiva e indignação”, disse, inflamando parte dos delegados a pedirem greve já.

O dirigente não contou que o secretário de Relações do Trabalho José Lopes Feijó informou aos sindicatos, na mesma reunião do dia 28, que o governo espera a confirmação do superávit da arrecadação do primeiro trimestre para apresentar um novo índice. “As negociações continuam”, pontuou o secretário.

Durante o longo debate no congresso, docentes se revezaram ao microfone para defender suas percepções sobre a greve. Dois integrantes da delegação da AdUFRJ tiveram oportunidade de fala. “Não dá para aceitar reajuste zero”, reconheceu o professor Carlos Frederico Leão Rocha, delegado alinhado poli-



GREVE JÁ? Professores discutem construção do movimento grevista no congresso do Andes

ticamente à diretoria local. Para ele, a indignação dos professores é justa, mas não pode ser usada com irresponsabilidade, já que docentes universitários estão desmobilizados. “É preciso uma construção efetiva dessa greve e devemos atuar em conjunto com os servidores públicos federais, mas não estamos preparados no momento. Precisamos voltar às nossas universidades e consultar nossos colegas”, defendeu.

Integrante do grupo de oposição à diretoria da AdUFRJ, a professora Fernanda Vieira interveio em favor da greve já. “Não existem condições objetivas ideais para iniciar uma greve”, disse, em resposta ao professor Leão Rocha. “É preciso decidir”.

O professor Henrique Santos, da Federal da Bahia, apontou que a greve é uma necessidade, mas que só vai acontecer se houver

mudanças na conjuntura nacional. “Só é possível, se mudarmos nossa correlação de forças. Para fazer greve, nós vamos ter que enfrentar a direita na universidade, a extrema direita nas ruas e um governo que não quer nos dar reajuste”, observou. “Não vamos poder entrar sozinhos numa greve, pois ficaremos isolados”, apontou.

Docente da Federal Rural do Rio de Janeiro, a professora Elisa Guaraná chamou atenção para a seriedade da greve como instrumento de pressão e reforçou os riscos de um eventual fracasso. “Greve é nossa arma mais potente. Nós fizemos reunião de setor com a avaliação de que foi difícil paralisar por dois dias. A maioria das universidades não paralisou”, lembrou. “Nós temos que ser coerentes com nossas avaliações. Passamos o dia todo ontem falando das dificuldades

de mobilização. Se nós puxarmos uma greve e ela fracassar, nós enterraremos o movimento”, alertou. “Eu não sou vanguardista. Nós vamos construir esse processo pela base”.

Mayra Goulart ressalta que a diretoria da AdUFRJ é absolutamente comprometida com a defesa da universidade pública e com a construção de um movimento responsável. “A greve é um instrumento importante, não pode ser banalizado. Precisamos avaliar se temos condições de realizá-la. Nós atuaremos num amplo processo de consulta, de escuta e de debate com os professores da UFRJ nas unidades e no Conselho de Representantes. Acreditamos que esta pode ser uma oportunidade para ativar os professores para que se mobilizem em defesa de melhores condições de trabalho e salário”.



NOS BASTIDORES DO MAPA POLÍTICO

O congresso de Fortaleza evidenciou um racha entre os grupos que controlam o Andes, reunidos no coletivo Andes de Luta e pela Base (ALB) — comandado por correntes do PSOL e do PCB. Os indícios do antagonismo surgiram antes mesmo da edição do caderno de textos que subsidia as discussões do encontro. A diretoria assinou um documento, mas integrantes de outras correntes que compõem o coletivo, e que estão fora da diretoria, ratificaram outro texto de conjuntura. Os desdobramentos dessa fissura repercutiram na plenária que aprovou a greve. O ALB votou dividido. Parte desejava greve ao longo de 2024 e outra defendia a greve já.

Mais de 60 mil professores do magistério superior são filiados ao Andes. O gigantismo da instituição, que completa 43 anos em 2024, torna mais complexo o jogo político que rege as disputas pelo sindicato nacional. Se a atual diretoria é composta majoritariamente por docentes com militância política, o principal grupo de oposição se organiza no coletivo Renova Andes, formado por professores de diferentes correntes políticas — como setores do PT, PSOL, PCdoB e PDT — e mesmo sem militância ou filiação político-partidária. Desde 2018, o grupo vem ganhando mais espaço nas discussões congressuais e nas eleições do sindicato nacional.

O Renova também se dividiu na votação sobre a greve. Como não era possível defender outros caminhos de mobilização, porque a greve tinha sido aprovada por maioria em todos os grupos políticos — e o Rosa Luxemburgo, que, entre as quatro tendências, é a que tem mais poder de organização e convencimento. Foi do Rosa, por exemplo, a articulação da proposta de “greve já”, que venceu a posição da diretoria nacional.



DIVISÕES INTERNAS. tanto na situação quanto na oposição, influenciaram nas decisões do congresso

que os professores recebam essa proposta, mas há uma inabilidade da diretoria nacional em negociar com o governo”, avalia. “É necessário uma grande movimentação para fazer uma aliança com outras organizações que defendem a educação pública, mas é preciso ter os pés na realidade”, ressalva. “Nossa categoria está desmobilizada sobre esse tema. Sequer houve uma unanimidade sobre a proposta da ‘greve já’. Foram apenas 20 votos de diferença”, sublinhou. “Por isso, precisamos consultar nossas bases para tomarmos uma decisão mais qualificada, refletida, serena e responsável em relação

ao reajuste zero. “É inaceitável

o sindicato é disputado, ainda, por uma oposição minoritária, subdividida em quatro grupos que se identificam mais à esquerda da diretoria nacional. Há setores do PSTU, independentes, os que querem fazer uma opo-

GREVE JÁ?

Para o professor Luis Antonio Pasquetti, da UnB, uma das lideranças do Renova Andes, o movimento de greve é uma construção importante para responder ao reajuste zero. “É inaceitável

ANDES-SN

à conjuntura geral”. Presidente do Andes, o professor Gustavo Seferian, da UFMG, reconhece que as defesas em torno da “greve já” constituíram um elemento surpresa para a discussão, mas descarta que o resultado da votação tenha evidenciado uma derrota da diretoria nacional, que apontava para a construção da greve em prazo maior. “Não considero que foi uma derrota nossa, mas uma vitória de toda a categoria. As propostas são vivas e vão sofrendo intervenções a partir dos nossos acúmulos. Nenhuma das intervenções realizadas defendeu contra a greve. A diferença era apenas a temporalidade e as nuances sobre a forma de construção do movimento”, diz. “Então, nesse sentido, a greve foi unânime”.

“É claro que não temos que aceitar zero de aumento. Acreditado na necessidade de uma luta muito acirrada, muito forte, dos professores”, afirma a professora Eleonora Ziller, delegada da AdUFRJ e liderança do Renova Andes. “Mas estamos no pós-pandemia, lutando para recuperar uma vida presencial que está esfacelada”, analisa. “Infelizmente, a condução do Andes não favorece. Há disputas insanas aqui colocadas e dá a impressão de que o que interessa é a greve, seja ela qual for. E isso é muito ruim, porque não politiza o debate”, critica a professora. “O importante é saber o que queremos, onde queremos chegar e ter uma pauta realista”.

ACOLHIMENTO: COMISSÃO APURA DENÚNCIAS DE ASSÉDIO

Uma das atividades do primeiro dia de congresso foi a instalação da Comissão de Enfrentamento ao Assédio. A comissão é composta por cinco docentes da diretoria nacional do Andes e da diretoria da seção sindical anfitriã do encontro, a ADUFC. A aposta é que a criação de um grupo específico para receber demandas de assédio possa contribuir para coibir as agressões, além de punir eventuais agressores. “A comissão tem papel de acolhimento da vítima, de enfrentamento ao assédio, mas também é um espaço pedagógico”, ressalta a professora Maria Inês Escobar, diretora da ADUFC. “É importante que essa comissão exista para dizer que o assédio acontece muitas vezes entre nós. É um processo brutal, cujas vítimas são, majoritariamente, mulheres”.

Para a professora Sônia Pereira, também diretora da ADUFC, instalar a comissão é um importante passo institucional, mas ela precisa avançar. “Nosso papel é inibir e coibir ações discriminatórias. É um traba-

“É importante que essa comissão exista para dizer que o assédio acontece muitas vezes entre nós. É um processo brutal, cujas vítimas são, majoritariamente, mulheres”

MARIA INÊS ESCOBAR
Diretora da ADUFC



INSTALAÇÃO da Comissão de Enfrentamento ao Assédio foi das primeiras atividades do congresso

lho que precisa de continuidade, que deve ser fortalecido”.

HISTÓRICO

Criada pela primeira vez em 2018, no 37º Congresso do Andes, a Comissão de Enfren-

tao ao Assédio foi uma resposta a um forte protesto de mulheres que denunciaram situações de assédio moral e sexual durante o congresso anterior, realizado em 2017, em Cuiabá. Na ocasião, elas leram um manifesto

em que citavam diversos casos, e indicaram a constituição de uma comissão extraoficial de mulheres para apurar as denúncias. Não foram indicadas, no entanto, sanções aos acusados, que também não foram identificados.

FOTOS: ANDES-SN

42 Congresso do ANDES-SN

À DISPOSIÇÃO DOS PEQUENOS

A ADUFC organizou o Espaço Infantil, de acolhimento a filhas e filhos de docentes que participam do 42º Congresso do Andes. Nesta edição, são atendidas 11 crianças cadastradas previamente pelos participantes. "Temos desde um bebê de oito meses a crianças de 12 anos", destaca a professora Eunice Menezes, uma das coordenadoras do espaço. "Nosso foco é acolher e garantir o bem-estar das crianças".

Além de Eunice, participam da coordenação do espaço a professora lany Bessa e o brincadista Pedro Rodrigues, que é aluno da UFC e atua na brinquedoteca da universidade. Na programação, pintura, música, literaturas de etnias diversas, principalmente negra e indígena, e muito contato com a natureza. "Eles recebem um 'kit explorador' e missões para interação com a natureza", revela a professora Eunice.

As atividades incluem duas mini excursões pelo campus da Universidade Federal do Ceará: a visita a um espaço de estudo de répteis e ao Museu da Infância e do Brinquedo. "É importante que as crianças participem das experiências. Os pais têm liberdade para entrar e interagir com as crianças sempre que quiserem", reforça a professora lany.

CONFIANÇA

A professora Aline Caldeira, da delegação da AdUFRJ, é mãe de João, de oito anos. Para ela, a existência do Espaço Infantil é um importante meio de proporcionar bem-estar aos pequenos e garantir a participação dos adultos no congresso. "Eu tenho



CONFIANÇA Aline, com o filho João, e Claudio, com seu pequeno Leon, elogiaram a criação do Espaço infantil, que tem atividades artísticas



FOTOS: SILVANA SÁ

ficado bem tranquila. Percebo que ele está se desenvolvendo, está fazendo amizade, está feliz. Inclusive, ficando longe das telas, faz passeios pela universidade", relata Aline. "O espaço é fundamental para a nossa participação nos espaços de discussão. Espero que seja uma iniciativa que se desenvolva mais, que se estruture mais, para que outras mães possam participar na condição de delegadas. Conciliar a dinâmica do congresso com a maternidade é um desafio".

A AdUFRJ paga passagem e hospedagem dos filhos de docentes de sua delegação.

Pai de Leon, de quatro anos, o professor Claudio Anselmo Men-

donça, da delegação da Apruma, é só elogios. "É um grande avanço poder contar com a garantia de um espaço que possibilita a nossos filhos terem um tratamento de qualidade, com abordagem pedagógica", destaca. A confiança é outro fator fundamental que repercute na participação dos congressistas. "Para nós é uma tranquilidade, porque sabemos que nossas crianças terão todo cuidado, carinho, atenção e amor necessários ao seu desenvolvimento. Com certeza é um acalento ao coração saber que você está tocando as demandas da categoria e seu filho está em sua dimensão infantil brincando, se divertindo".

RIQUEZA CULTURAL

Ricas intervenções culturais foram um dos pontos altos do 42º Congresso. A abertura foi ao delicioso som do maracatu. O grupo Maracatu Solar (foto), que atua com a divulgação da arte no estado do Ceará, recepcionou os participantes. Outra bonita apresentação foi a do professor da UFC e violonista Babi Fonteles, acompanhado pelos músicos Eliahne Brasileiro e Werbeson Avelino. O quarto dia de encontro contou com a presença dos músicos Assun, Luiza Nobel e Salles. Cantores e compositores negros da periferia de Fortaleza, eles trouxeram a força das lutas populares nas letras de suas canções.

O Centro de Convivência que



FOTOS: ANDES-SN

abriga o congresso também recebe durante esta semana uma feirinha cultural e gastronômica de pequenos negócios locais. A exposição dá visibilidade a iniciativas comprometidas com a cultura do estado do Ceará e com a agricultura familiar.

MARINALVA PRESENTE!

A professora Marinalva Oliveira, titular da Faculdade de Educação da UFRJ, foi lembrada com saudade. Ela nos deixou em outubro. Os filhos Andrew Costa e Gabriel Oliveira participaram da homenagem, em vídeo. "Falar do legado da minha mãe é para mim, falar de um binômio ligado a amor e luta", disse, Andrew, emocionado.

Ele participa pela primeira vez como professor do congresso do Andes, pela delegação do Sindufap, a seção sindical da Federal do Ampap. "Iniciar minha carreira docente dentro da universidade onde a memória dela está muito presente, me faz ter uma dimensão ainda maior da sua importância afetiva e



MARINALVA recebeu homenagem emocionada dos congressistas

sob a perspectiva da luta", disse. "Eu diria, para defender a (memória da) mãe, continuem a luta", continuou Gabriel, que inspirou Marinalva na luta anticapacitista e em linhas de pesquisa sobre

educação e Síndrome de Down. O professor Alex Soares, da Universidade Federal do Ceará, outro importante militante do movimento docente, também foi homenageado postumamente.

42 Congresso do ANDES-SN



ANDES-SN

A PRIMEIRA VEZ A GENTE NÃO ESQUECE



MÁRCIO MARQUES
Delegado da AdUFRJ

"Estou achando um espaço bastante plural, que expressa bem uma diversidade social. Aqui consegui compreender o quanto o sindicato é importante para as nossas pautas, mas me decepcionou um pouco que determinadas coisas sejam ditas de forma muito radical e sem diálogo. Infelizmente, algumas disputas beiram à infantilidade e não contribuem para a construção das políticas. Política se constrói trabalhando e aqui me chamou atenção o quanto há pessoas sérias realmente comprometidas com o trabalho. Temos trabalhado muito ao longo desses dias e este é um ponto, para mim, bastante positivo.

Algo que quero pontuar aqui é que foi criado um espaço para transmissão das plenárias. Fico me perguntando qual a diferença disso para um congresso virtual e de assembleias que usam desses recursos tecnológicos. Penso que não teria diferença técnica entre acompanhar as discussões dessa sala e do meu computador, na minha casa".



CLAUDIA MOURTHÉ
Delegada da AdUFRJ

"Foi uma grande surpresa ver o tamanho do congresso e a relevância do sindicato no quadro nacional, com a representatividade expressa aqui de todo o país. A impressão positiva é que expressa a relevância política da categoria. O aspecto negativo é que me parece não haver uma hierarquização dos temas e perde-se muito tempo com questões, às vezes, pouco relevantes ou menos importantes para a categoria. Há a entrada também de outros assuntos que muitas vezes não fazem parte da pauta e acabam tornando as discussões muito cansativas. O congresso é longo, é trabalhoso, é cansativo, mas se torna muito mais cansativo por conta de temas que não são diretamente relacionados aos interesses dos professores.

De forma geral, no entanto, estou achando muito positivo, sinto-me esperançosa em ver meus direitos reconhecidos e ter a possibilidade de reaver direitos perdidos. Por mais que existam interesses específicos em algumas discussões, que acabam sendo mais acirradas, também elas fazem parte do exercício pela busca de um bem coletivo maior".



BRUNO REYS
Observador da AdUFRJ

"Entre na universidade em 2018 e ainda não tinha participado de atividades sindicais dessa monta. Para mim, então, é uma imersão. Tem sido uma experiência aprender como as discussões são conduzidas, como a dinâmica está colocada. Acho muito diferente o grupo Renova Andes, acho positivo a AdUFRJ se aproximar do grupo, participar dos encontros.

Realmente, as votações estão se dando de forma bem radical, bem sectária. Descoladas de sua base. Parece que estão pairando alguns metros acima do chão da realidade. Então é importante intensificar os espaços de participação no Renova e construir uma alternativa ao que está colocado hoje como direção nacional. Também fiquei muito impressionado como colegas da nossa seção sindical estão se relacionando conosco. Eles perderam a eleição, mas poderiam contribuir, de alguma forma, com a construção da política sindical. Não se constrói política com práticas difamatórias, com fake news, como acabei vendo acontecer no congresso".



FERNANDA SHCOLNIK
Delegada da Asduerj

"Eu sou deficiente visual e está sendo uma experiência muito rica estar aqui. Eu nunca tinha ido a um congresso sindical. Tenho achado bem organizado, de uma maneira geral. O espaço das plenárias é acessível, assim como as salas onde aconteceram os grupos. Tenho percebido um esforço muito positivo no sentido de garantir a acessibilidade. As auto descrições têm funcionado.

Também é importante a auto descrição de cards e fotos nas mídias oficiais do sindicato. Tenho dependido que algum colega leia para mim os textos que estão em discussão, porque pelo meu leitor de tela fica mais confuso, uma vez que é difícil ficar com fone e ao mesmo tempo participar da plenária. Mas tem funcionado com colegas lendo para mim, para que eu consiga compreender as votações. Tenho percebido que está sendo respeitado meu direito como pessoa com deficiência nas filas, uma priorização de acesso à alimentação, ao ônibus. Enfim, estou gostando muito".



FRANCIROSY BARBOSA
Delegada da Adusup

"Aqui a gente faz parte de um coletivo de várias pessoas de luta e resistência. Não é meramente um encontro, mas um evento de luta. E isso me emociona. Só de poder trazer a causa palestina, poder falar da Palestina sem me sentir num lugar desconfortável já é uma grande experiência. Outro ponto de destaque é poder secretariar as mesas de manhã à noite, onde estou tendo ainda mais oportunidade de aprender sobre as dinâmicas. Para mim, tem sido uma excelente experiência.

Eu sou muçulmana e acredito que o Andes precisa incorporar uma discussão sobre a questão da intolerância religiosa. Disso eu senti falta. Eu sei que são muitas pautas, muitos temas, mas a gente precisa olhar para os pertencimentos religiosos. Principalmente porque a grande maioria aqui é de pessoas de esquerdas diversas e a gente precisa aprender a dialogar com as pessoas religiosas para trazê-las para o nosso campo ideológico. Aprender a ouvi-las, a respeitá-las e a integrá-las".

FOTOS: SILVANA SÁ

**QUERIDA PROFESSORA,
VENHA PEGAR SEU KIT, COM
CAMISETA E ADESIVO, PARA A
MANIFESTAÇÃO DO 8M.
ELE ESTARÁ DISPONÍVEL NA
SEDE DA ADUFRJ A PARTIR DE
QUARTA-FEIRA, 6 DE MARÇO.
A ADUFRJ FICA NO FUNDÃO,
NO CENTRO DE TECNOLOGIA,
BLOCO D, SALA 200**

